

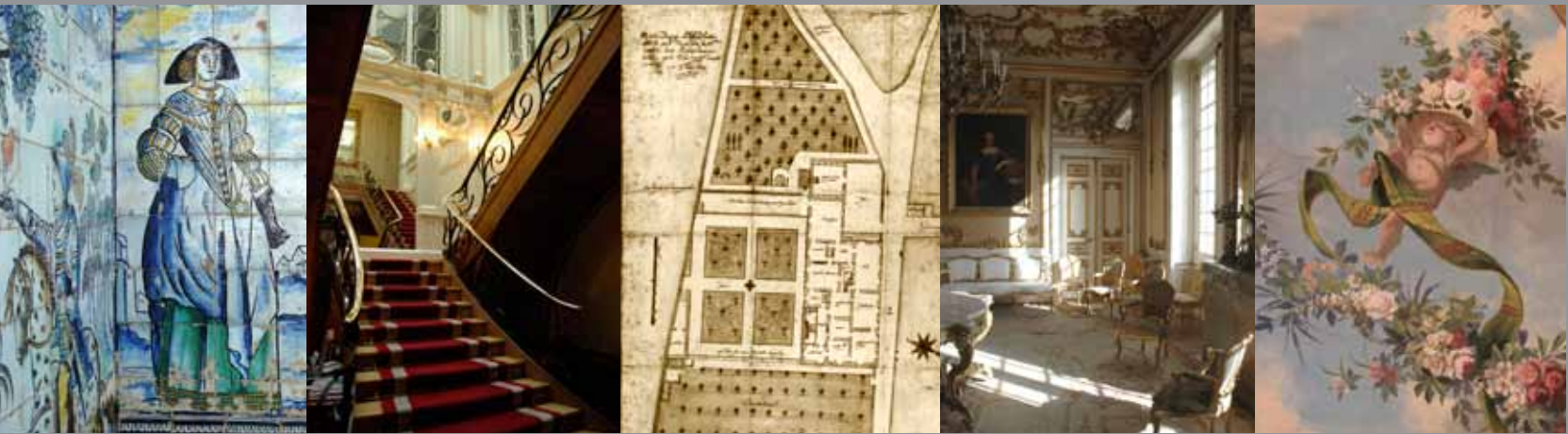
Isabel Mendonça . Hélder Carita . Marize Malta

Coordenação

A CASA SENHORIAL

em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores



Instituto de História da Arte

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Escola de Belas Artes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A CASA SENHORIAL
em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores





Coordenação

Isabel Mendonça . Hélder Carita . Marize Malta

A CASA SENHORIAL
em Lisboa e no Rio de Janeiro:

Anatomia dos Interiores

Instituto de História da Arte

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Escola de Belas Artes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

2014

FCT (PTDC/EAT-HAT/112229/2009)

ISBN: 978-989-99192-0-4
(Universidade Nova de Lisboa)
ISBN: 978-85-87145-60-4
(Universidade Federal
do Rio de Janeiro)

*A Casa Senhorial
em Lisboa e no Rio de Janeiro:
Anatomia dos Interiores*

Design gráfico:
Atelier Hélder Carita

Secretariado:
*Lina Oliveira
Tiago Antunes*

Depósito legal:
383142 / 14

Tipografia:
Norprint

Tiragem:
300 exemplares

LISBOA – RIO DE JANEIRO 2014

Coordenação

Isabel M. G. Mendonça
Hélder Carita
Marize Malta

Edição conjunta

Instituto de História da Arte (IHA) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa

ISBN: 978-989-99192-0-4

Escola de Belas Artes (EBA) – Universidade Federal do Rio de Janeiro
ISBN:

© Autores e IHA

Os artigos e as imagens reproduzidas nos textos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto com a referência EAT-HAT.112229.2009.

ÍNDICE

MECENAS E ARTISTAS. VIVÊNCIAS E RITUAIS

- 18 **Cátia Teles e Marques**
Os paços episcopais nos modelos de representação protagonizados por bispos da nobreza no período pós-tridentino em Portugal
- 44 **Daniela Viggiani**
“L’ Abecedario Pittorico” de Pellegrino Antonio Orlandi
- 64 **Celina Borges Lemos**
André Guilherme Dornelles Dangelo
Solar “Casa Padre Toledo”: o bem cultural como uma conjunção ritualística de espaços e tempos limiaries
- 86 **Miguel Metelo de Seixas**
O uso da heráldica no interior da casa senhorial portuguesa do Antigo Regime: propostas de sistematização e entendimento

ARQUITECTURA, ESTRUTURAS E PROGRAMAS DISTRIBUTIVOS

- 112 **Isabel Soares de Albergaria**
O Palácio dos Câmara “aos Mártires” – um caso excepcional da opulência seiscentista
- 134 **João Vieira Caldas**
Maria João Pereira Coutinho
O Nome e a Função: Terminologia e Uso dos Compartimentos na Casa Nobre Urbana da Primeira Metade do Século XVIII
- 190 **Hélder Carita**
O Palácio Ramalhete, nas Janelas Verdes: uma tipologia de palacete pombalino
- 208 **Ana Lúcia Vieira dos Santos**
Formas de morar no Rio de Janeiro do século XIX: espaço interior e representação social

- 224 **Mariana Pinto da Rocha Jorge Ferreira**
Tiago Molarinho Antunes
O Palácio dos Condes da Ribeira Grande, na Junqueira:
análise do conjunto edificado
- 248 **José Pessôa**
Padrões distributivos das casas senhoriais no Rio de Janeiro
do primeiro quartel do século XIX
- 272 **José Marques Morgado Neto**
As Casas Senhoriais da Belém colonial entre os séculos XVIII e XIX: sob a pers-
pectiva dos relatos de viajantes, da iconografia da época e da remanescência
no centro histórico da cidade
- 292 **Gustavo Reinaldo Alves do Carmo**
O Palácio das Laranjeiras e a *Belle Époque* no Rio de Janeiro (1909-1914)
- 318 **Patrícia Thomé Junqueira Schettino**
Celina Borges Lemos
“O Palacete Carioca”. Estudo sobre a relação entre as transformações da arquite-
tura residencial da elite e a evolução do papel social feminino no final do século
XIX e início do século XX no Rio de Janeiro
- 338 **Felipe Azevedo Bosi**
Palácio Isabel: o Palácio do Conde e Condessa d’Eu
no Segundo Reinado brasileiro
- 346 **Paulo Manta Pereira**
A arquitetura doméstica de Raul Lino (1900-1918). Expressão meridional
do *Arts and Crafts*, ou síntese local de um movimento artístico universal
do último terço de oitocentos

A ORNAMENTAÇÃO FIXA

- 366 **Ana Paula Correia**
Memórias de casas senhoriais – patrimónios esquecidos
- 382 **Sofia Braga**
Sobre a Sala Pompeia do Antigo Palácio da Ega

- 404 **Cristina Costa Gomes**
Isabel Murta Pina
Papéis de parede da China em Casas Senhoriais Portuguesas
- 424 **Ana Pessoa**
As Artes Decorativas no Rio de Janeiro do século XIX: um panorama
- 444 **Isabel Mendonça**
Estuques de Paris e “parquets” de Bruxelas num palácio oitocentista de Lisboa
- 472 **Isabel Sanson Portella**
Análise Tipológica dos Padrões dos Pisos de *Parquet* dos Salões do Palácio Nova Friburgo / Palácio do Catete
- 482 **Alexandre Mascarenhas**
Cristina Rozisky
Fábio Galli
A “Casa Senhorial” em Pelotas no século XIX: família Antunes Maciel
- 502 **Miguel Leal**
A Pintura Decorativa do Palacete Alves Machado: um estudo de caso
- 516 **Rosa Arraes**
A função social das decorações e seus ornatos dos palacetes na *Belle-époque* da Amazônia

EQUIPAMENTO MÓVEL

- 536 **Maria João Ferreira**
Ecos de hábitos e usos nos inventários: os adereços têxteis nos interiores das residências senhoriais lisboetas seiscentistas e setecentistas
- 562 **Marize Malta**
Sumptuoso leilão de ricos móveis... Um estudo sobre o mobiliário das casas senhoriais oitocentistas no Rio de Janeiro por meio de leilões

Palavras-chave
Papel de parede,
China, Macau,
Carreira da Índia,
Brasil

Keywords
Wallpaper, China,
Macau,
Carreira da Índia,
Brazil

Resumo/Abstract

Papéis de Parede da China em Casas Senhoriais Portuguesas

Os papéis de parede chineses, um dos vários produtos de luxo importados da China, especialmente nos séculos XVIII e XIX, têm sido em larga medida ignorados em Portugal, no âmbito das artes decorativas. O presente artigo pretende, pois, ser uma chamada de atenção para a presença deste material nos interiores de casas portuguesas.

Chinese Wallpapers in Portuguese Manor Houses

Chinese wallpapers, one of several luxury imports from China during the eighteenth and nineteenth centuries, have been largely ignored within the scope of decorative arts in Portugal. This article aims to draw attention to the presence of this product in the interiors of Portuguese Manor Houses.

Cristina Costa Gomes. *Doutorada em História Moderna pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2008), dirige actualmente a Divisão de Documentação, Investigação e Cooperação Científica do Centro Científico e Cultural de Macau, I.P. É Investigadora do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CEC/FL-UL). É ainda Professora na Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva (ESAD/FRESS), membro do Centro de Estudos de Artes Decorativas e Investigadora do projecto “A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro (séculos XVII, XVIII e XIX). Anatomia dos Interiores”. Tem desenvolvido um vasto trabalho na área de Paleografia e Edição de textos. É autora de vários estudos sobre o Humanismo em Portugal e as Relações Interculturais Europa-China (Sécs. XVI-XVIII). Entre as suas obras destacam-se: Diogo de Sá. Os Horizontes de um Humanista (Prefácio, 2008), Diogo de Sá no Renascimento Português (CEC, 2012) e Tomás Pereira. Obras (em co-autoria - CCCM, 2011).*

Isabel Murta Pina. *Doutorada em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa (2009), é Investigadora no Centro Científico e Cultural de Macau, I.P. (CCCM, I.P.) e Investigadora Associada no Centro de História de Além-Mar (FCSH-UNL). Lecionou no Instituto de Estudos Orientais da Universidade Católica Portuguesa e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Consórcio de Estudos Asiáticos). É autora de vários artigos na área das Relações Interculturais Europa-China (Sécs. XVI-XVIII) e, ainda, dos livros Os Jesuítas em Nanquim, 1599-1633 (CCCM, 2008), Jesuítas Chineses e Mestiços da Missão da China (1589-1689) (CCCM, 2011) e Tomás Pereira. Obras (em co-autoria - CCCM, 2011).*

Papéis de Parede da China em Casas Senhoriais Portuguesas

Cristina Costa Gomes, Isabel Murta Pina

1. MEMÓRIAS ESCRITAS DE PAPÉIS DA CHINA ¹

A prática de revestir as paredes com papel foi, ao que tudo indica, pouco comum na China, embora um escasso número de registos documentais permitam atestar esta utilização. Efectivamente, desde o século XVII, alguns relatos redigidos por europeus, confirmam a aplicação de papel nas paredes das casas chinesas, mesmo sendo essa uma opção decorativa invulgar.

Um dos casos mais antigos com que nos deparámos foi o testemunhado pelo jesuíta português Gabriel de Magalhães (1610-1677) que, na segunda metade da década de 1660, ao mencionar uma sala, existente na antiga residência jesuíta de Pequim (Xitang), chamada “Hiu K’i t’am”, que traduzia por “sala de esperar e observar as exalações e ares da primavera”, dizia terem sido forrados “a custa do Rey o tecto e as 4 paredes da sala de taboas” e depois “coberto de grosso e bem pegado papel”.²

Também o jesuíta francês Louis Le Comte (1655-1728) ao reportar, na década de 1690, a utilização de seda nas paredes de casas abastadas chinesas, acrescentava que outros optavam por branquear as divisões, colando papel nas paredes. Além de papel branco, testemunhos posteriores, como o de Lord Macartney (1737-1806), o embaixador britânico ao imperador Qianlong (1711-1799), em 1793-1794, dão-nos ainda pistas sobre a aplicação de papel dourado e carmesim.³

Se o papel de parede, usado na Europa desde o século XVI, era um recurso pouco enraizado na tradição chinesa, o mesmo não se pode dizer do papel colado em janelas. Embora na generalidade do território chinês esse papel não fosse decorado, no Sul, mais especificamente nas cidades portuárias de Cantão e Macau, teve a particularidade de o ser.⁴

Igualmente pintados, com diferentes motivos, encontramos os papéis aplicados em biombos que, como descrevia outro jesuíta da China, o português Álvaro Semedo (1585-1658), em 1642, as “ótras aves que vemos pintadas en sus biombos, i otros adornos que llegan a Europa, sin duda ay las màs dellas, puesto que siempre el arte favorezca, o altere en

algo a la Naturaleza”⁵. Este tema, note-se, é precisamente o mais representado nos papéis de parede, como adiante veremos.

Os papéis decorados e aplicados em janelas e biombos, admirados pelos europeus, nomeadamente em Cantão e em Macau, poderão ter sido fonte de inspiração e modelo na produção chinesa de papéis de parede, especificamente destinada ao mercado europeu, e que no século XVIII era transacionado nas feiras de Cantão.

A chegada à Europa de uma significativa quantidade de papel de parede por via da *East India Company* britânica é um facto devidamente comprovado, quer pelos inúmeros exemplares ainda sobreviventes⁶, quer pelas referências documentais.⁷

Já a via portuguesa da Carreira da Índia, com a sua articulação a Macau e aos portos brasileiros, tem sido completamente ignorada no que diz respeito a este produto de luxo. Apesar disso, várias listas de carga desses navios portugueses datadas da segunda metade do século XVIII, comprovam inequivocamente a existência de muito papel pintado proveniente da China.⁸ Sem que seja identificada a sua finalidade, encontramos porém referências, como por exemplo, “dois rolos de papel pintados”⁹ (1770); “seis papéis pintados de charão pequenos” (1780)¹⁰; “caixas com papéis pintados” (1782)¹¹; ou, simplesmente, “papeis pintados” (1785 e 1787).¹²

O mesmo género de alusões figura em alguns inventários de bens *post-mortem*, nomeadamente no de Alexandre Metelo de Sousa e Menezes (1687-1766)¹³, o antigo embaixador do rei D. João V ao imperador Yongzheng (1725-1728).¹⁴ Nesse documento, de 1766-1768, são assinalados “Sete paineis em papel da China dous deles encarnados mais estreitos”¹⁵ e “Seis molduras ao alto, de papel da China”.¹⁶ Mas outros inventários testemunham a posse de papéis chineses por parte de gente endinheirada, como são os casos dos de Joaquim da Costa Quintela, de 1800; e de José da Cruz de Miranda, de 1802. O primeiro foi proprietário de “tres paineis chinezes com bastante uzo”¹⁷ e o segundo de “quatorze painéis pintados em papel da Xina pintura de flores”.¹⁸

Destaca-se, pela riqueza e precisão de detalhe, o inventário de bens de António Joaquim de Pina Manique (1742-1794), irmão mais novo do intendente de D. Maria I, Diogo Inácio de Pina Manique (1733-1805), e ele próprio visitador do ouro dos navios vindos da América e desembargador dos agravos e superintendente geral dos contrabandos e descaminhos dos reais direitos.¹⁹ No seu inventário, datado de 1796, sucedem-se oito referências a papéis ou painéis de papel da China²⁰, alguns “com figuras”²¹, outros “pintados de flores e pasaros”, as duas tipologias de papel da China com exemplares sobreviventes em Portugal.²²

2. APLICAÇÃO DO PAPEL E SUAS TIPOLOGIAS: TÓPICOS DE ABORDAGEM

Os papéis de parede provenientes da China tornaram-se uma moda que se generalizou um pouco por toda a Europa, durante os séculos XVIII e XIX.²³ Assim o confirmam os vários conjuntos encontrados desde Portugal até à Rússia, sendo sobretudo conhecidos casos sobreviventes na Grã-Bretanha, França e Itália.

No continente americano, destacam-se os Estados Unidos.²⁴ No entanto, tendo o Brasil para o século XVIII alguns portos de escala das embarcações da Carreira da Índia, onde eram comercializadas várias mercadorias oriundas da China, podemos aventar a hipótese de também aí ter ficado algum papel pintado, nomeadamente para revestir paredes de casas de famílias abastadas.

O papel que da China chegava à Europa era, pelo menos no caso inglês²⁵, maioritariamente transportado em rolos, que depois eram cortados para se adaptarem aos espaços onde eram aplicados, regra geral relativamente pequenos, tais como quartos de dormir, quartos de vestir, ou salas. Em Portugal, todos os conjuntos de papel encontrados, até ao momento, decoraram exclusivamente salas.

Material delicado e de difícil preservação, o papel exigia cuidados redobrados na sua aplicação, que envolvia o revestimento prévio das paredes com uma tela grosseira de linho ou de outro tipo de papel, a que eram fixados os papéis chineses, com recurso a cola de amido. Este processo, que evitava o contacto directo do papel com a parede, contribuía para a preservação do mesmo (deixando-o menos exposto, por exemplo, a factores externos de degradação, tais como humidades) e facilitava, por outro lado, a remoção desta arte decorativa, dispendiosa, mas que como todas as outras estava sujeita a alterações dos padrões de gosto.

Estes papéis eram sobretudo pintados à mão, embora alguns deles partissem de uma base inicial com contornos impressos.

Quanto à sua temática decorativa, foram identificadas três tipologias:

1. Papéis figurativos, com paisagens e pessoas envolvidas em actividades agrícolas, como o cultivo de arroz, ou a participarem noutras actividades, como a produção de seda e de porcelana, sobretudo baseados em conjuntos de imagens comemorativas.²⁶ Esta constitui uma tipologia mais rara aparentemente mais cara de papel.²⁷

2. Papéis com árvores e outras plantas floridas, aves, insectos e rochas. Trata-se da tipologia mais comum²⁸, em que os conjuntos mais antigos tendem a ser mais próximos do estilo tradicional chinês de pintura, enquanto os exemplos mais tardios revelam uma maior estilização decorativa. Representações idealizadas de jardins, estes papéis são por norma totalmente pintados à mão.²⁹



3. **Papéis com combinação de figuras e árvores**, dos quais não detectámos ainda nenhum exemplar no caso português.

3. PAPÉIS CHINESES EM PAREDES PORTUGUESAS

Em Portugal, sobreviveram poucos vestígios de papel de parede chinês. Com efeito, o levantamento que realizámos apenas nos permitiu assinalar cinco conjuntos, dos quais somente dois na Grande Lisboa.

Dado o número muito escasso de exemplares existentes e as analogias que é possível estabelecer entre estes conjuntos, decidimos incluir neste estudo todos eles, apesar da temática da obra se restringir, no caso de Portugal, a casas senhoriais de Lisboa. Note-se, ainda para mais, que um dos dois exemplares situados na área da Grande Lisboa não sobreviveu até aos nossos dias, senão através de memória escrita.

TIPOLOGIA DE PAPÉIS FIGURATIVOS:

Palácio Pombal, em Oeiras

Do papel que forrou as paredes da Sala Chinesa ou Salão Nobre do Palácio Pombal, em Oeiras³⁰, apenas nos chegou um pequeno registo escrito, da autoria de Francisco Ildefonso dos Santos, integrado na sua colecção de memórias sobre Oeiras, redigidas ao longo de alguns anos até à sua morte em 1866. Aí o autor descrevia alguns pormenores da referida Sala Chinesa, a qual dizia ser “(...) *toda ao gosto oriental, na mobília, e no mesmo papel que forra as paredes della, no qual se mostra em boa pintura o grande estado que precede o Imperador da China, quando sahe em publico* (...)”³¹

A datação deste conjunto remete para um intervalo de tempo entre a segunda metade do século XVIII, especialmente a partir de 1759, ano em que Sebastião José de Carvalho e Melo, ao receber o título de Conde de Oeiras, intensificou as obras de ampliação do palácio, e o já indicado ano de 1866, em que as memórias foram interrompidas. No entanto, saliente-se que as principais obras de engrandecimento decorativo da propriedade foram realizadas até 1777, ano em que o Marquês de Pombal foi afastado do cargo de ministro. Note-se que a *Relação Fiel e Exacta* de uma visita de D. Maria I ao Palácio, no dia 10 de Agosto de 1783, escrita pelo Morgado João de Saldanha e Oliveira, permite pensar que a sala já teria, nessa data, o seu programa decorativo terminado, com os papéis aplicados. Conforme asseverava o Morgado, fora grande o deleite dos membros da família real, os quais “*entrando na Casa ou grande sala chinesa tiveram o prazer e gosto sensível, gostando muito dela, e do seu ornato lembrou-se a Rainha de que seus Pais ali haviam estado* (...)”³², provavelmente nos verões de 1775 ou 1776.³³

Ilustração 1
Sala Chinesa: painéis antes de terem sido retirados para restauro.
Paço Episcopal de Lamego (Museu).



Ilustração 2
Cena de cultivo de arroz.
Paço Episcopal de
Lamego
(Museu).

Por não terem sobrevivido vestígios materiais deste papel, é impossível confirmar se estamos perante um conjunto efectivamente de origem chinesa, como os quatro outros inventariados, ou se se trata antes de produção europeia com decoração ao gosto chinês.

Paço Episcopal de Lamego

No antigo Paço Episcopal de Lamego, actual Museu, existiu igualmente uma Sala Chinesa cujas paredes foram revestidas com treze painéis de papel chinês, dos quais ainda se conservam marcas.³⁴

Os papéis, de tipologia figurativa, foram retirados no final da década de 1990, para serem intervencionados no Instituto José de Figueiredo, de onde só recentemente regressaram.³⁵ Foi este mesmo Instituto que certificou a sua origem chinesa e que procedeu à sua datação, situando cronologicamente este conjunto entre os finais do século XVIII e os inícios do século seguinte.

Este intervalo de tempo permite equacionar dois possíveis encomendadores entre



Ilustração 3
Pormenor.
Paço Episcopal de Lamego
(Museu).



Ilustração 4
Programa decorativo contínuo
(painéis antes de serem res-
taurados).
Paço Episcopal de Lamego
(Museu).

os bispos de Lamego: D. Manuel de Vasconcelos Pereira, que exerceu o seu pontificado entre 1773 e 1786; e o seu sucessor, D. João António Binet Pinço, bispo entre 1786 e 1821. Note-se, porém, o papel desempenhado pelo primeiro ao nível da reconstrução e decoração deste Paço Episcopal a que acresce o seu comprovado interesse pela Ásia, nomeadamente pelas artes decorativas chinesas, perfeitamente reflectido num inventário de bens inédito, conservado na Biblioteca Nacional de Portugal.³⁶ No entanto, nenhuma referência aos papéis se encontra neste documento, a exemplo do que sucede com a documentação do Fundo do *Bispado de Lamego*, consultada na Torre do Tombo.³⁷

O conjunto de papéis de parede chineses do Paço Episcopal de Lamego é composto por duas séries de seis painéis cada, a que se acrescenta um painel isolado.

Sendo o único conjunto sobrevivente que se insere na primeira das tipologias apresentadas, de papel figurativo com pessoas e paisagem, é precisamente um exemplo de cenas de cultivo de arroz. Este tema surge representado nas duas séries de desenhos repetidos e que apenas diferem nas cores utilizadas, por exemplo nas roupas, e na representação da vegetação, que tanto surge sem folhas e flores como com elas, sugerindo a renovação que marca a passagem entre o Inverno e a Primavera.

Nestas cenas características do sul da China, o eixo económico e cultural do país na dinastia Qing (1644 a 1911), observam-se agricultores a trabalharem nos arrozais, com a presença do tradicional búfalo de água; embarcações típicas do sul da China, onde tantos

chineses habitavam; casas também desta região, assentes em estacaria; lojas, vendedores ambulantes, aparentemente de comida e de seda; mandarins com chapéus ao modo da dinastia Qing, sem as insígnias; letrados que viajam nos seus cavalos, com os criados a carregarem livros; chineses Han, com a trança imposta pela dinastia Manchu em 1645, em sinal de submissão; um velho de longas barbas, a caminhar com a ajuda de um cajado, acompanhado de um menino, provavelmente um sábio taoista, ou mesmo o deus da longevidade, Shoulao, com o seu crânio proeminente e os outros atributos referidos; meninos que brincam, um tema popular nas artes decorativas chinesas, sobretudo durante as dinastias Ming e Qing, símbolo do desejo chinês de prole abundante; meninos que estudam; registos de delicadeza feminina; ou uma cena de chá.

Estes papéis partem de uma base com contornos impressos, único exemplar conhecido para o caso português, que depois foi pintada à mão por artífices, com aguadas, tendo sido também identificados, no Instituto José de Figueiredo, alguns corantes e pigmentos. Como igualmente se verificou neste Instituto, os painéis, apesar de terem sido emoldurados e separados entre si, poderiam ter sido aplicados todos juntos, porque as figuras apresentam um programa decorativo contínuo. Esta poderá ter sido a solução encontrada para responder à falta de papel para revestir a totalidade das paredes da sala, uma forma de diminuir custos, ou uma simples opção decorativa, como indiciam os inventários de bens *post-mortem* referidos, onde frequentemente surgem registados papéis chineses emoldurados.

Ter-se-á decidido, assim, colocar os papéis em molduras douradas, separadas por faixas de seda vermelha e rodeadas por pintura marmoreada azul.

TIPOLOGIA DE ÁRVORES FLORIDAS, PÁSSAROS, INSECTOS E ROCHAS

Se os dois exemplares já abordados se inserem na chamada tipologia de figuras e paisagens, os outros três que faltam mencionar, existentes em três pequenas salas do antigo Paço de Maiorca, da Quinta da Francelha de Cima e da Casa da Ínsua pertencem à tipologia de árvores floridas, pássaros, insectos e rochas, bastante mais usual. Nestes três casos, os papéis foram exclusivamente pintados à mão, como era a regra nesta tipologia.

Quinta da Francelha de Cima³⁸

Na Quinta da Francelha de Cima surge, na chamada “Sala dos Pássaros”, um destes conjuntos de papel chinês.

Esta sala, tal como as outras Salas Chinesas ainda existentes, apresenta dimensões relativamente reduzidas³⁹ e integra-se numa das duas alas desta casa, datada da segunda metade do séc. XVIII.⁴⁰ Situada no primeiro piso, logo no cimo da escadaria, a sala constitui-



Ilustração 5
“Sala dos Pássaros”.
 Quinta da Francelha, Prior
 Velho, Lisboa.

Ilustração 6
 Pormenor: casal de aves e
 borboletas.
 Quinta da Francelha, Prior
 Velho, Lisboa.



se como um espaço de entrada na residência, que dá acesso simultaneamente a outras duas salas maiores.

A “Sala dos Pássaros” encontra-se integralmente forrada com papel⁴¹, à excepção de um lambrim em *trompe l’oeil*, simulando balaústres que criam a ilusão de um balcão, de onde se pode contemplar a natureza, que se abre diante do observador.

Este é um dos dois casos registados até ao momento em Portugal em que o papel se encontra *in situ*, permitindo ter a percepção do extraordinário impacto visual que estes conjuntos produziam.

No que diz respeito à datação do papel, tudo indica que seja coevo da construção da ala da casa em que se encontra, ou seja, da segunda metade do século XVIII. Uma equipa de investigadores do Centro de Física Atómica da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que procedeu a uma análise exaustiva dos pigmentos presentes nas pinturas, confirmou esta datação⁴², atestando igualmente a origem chinesa do papel, com base na identificação das fibras que o constituem (bambu e cânhamo).⁴³

O provável encomendador destes papéis foi Félix Martins da Costa (m. 6/9/1827)⁴⁴, um rico homem de negócios da praça de Lisboa, envolvido no comércio de açúcar, algodão,

arroz, couros secos, entre outros produtos, e proprietário de alguns navios que estabeleciam a ligação ao Brasil⁴⁵, nomeadamente à Baía, um importante porto de escala de mercadorias asiáticas, trazidas pelas naus da Carreira da Índia.⁴⁶ Foi precisamente este comerciante que mandou edificar e decorar a ala da casa em que os papéis se encontram.⁴⁷

Nas duas margens de um curso de água abre-se todo um cenário de jardim chinês idealizado, carregado de exotismo, de movimento e de harmonia, composto por diferentes árvores e vegetação, flores, rochas, aves de múltiplas espécies e insectos. No universo das aves, catatuas, papagaios, patos, faisões, corvos e pegas surgem-nos aos pares, simbolizando a harmonia conjugal, um princípio fundamental na cultura chinesa. Estas aves conferem ainda todo um dinamismo ao cenário, sugerido tanto pelo seu voo livre, símbolo de liberdade como pelo seu olhar atento, em direcções múltiplas, muitas vezes de cabeça virada para trás ou ainda pela sua posição (preparando-se para pousar, comer ou espreitar). Essa ideia de harmonia conjugal é reafirmada pela pega, considerada pelos chineses o pássaro da alegria, um símbolo capaz de atrair a felicidade, associada ao casamento e à procriação.

Quanto aos insectos, observam-se inúmeras libelinhas e borboletas, representando as últimas o amor jovem ou a ligação inquebrantável entre os amantes.

As flores, de diferentes cores, embelezam este jardim exótico e reforçam a imagem de harmonia, equilíbrio, felicidade e amor. A peónia, tida como uma das mais requintadas e delicadas flores, associada à Primavera, à beleza feminina, à reprodução, à nobreza moral e à dignidade, povoa este jardim e transmite-nos a ideia de paz, quando se encontra totalmente aberta. A flor-de-lótus reflecte uma dimensão de pureza e de perfeição. Surgem ainda os crisântemos, que atraem a boa sorte, e as flores de cerejeira, também associadas ao amor. Entre as árvores de fruto sobressaem as romãzeiras, numa alusão clara à reprodução e à longevidade, e a ameixoeira, uma das primeiras árvores a brotar no final do Inverno, que faz desta o arauto da Primavera, que se anuncia.

Se com os painéis de Lamego temos um caso de papel restaurado, na Francelha estamos diante de um dos dois conjuntos conhecidos que permanecem ainda no seu local de origem. Apesar disso, estes papéis de parede reclamam uma intervenção urgente. Ao longo do tempo, foram sofrendo pequenos restauros, mas as marcas de degradação, causadas por humidades e infiltrações, são já demasiadamente evidentes e impõem uma acção a muito curto prazo, sob risco de se perder este património.

Paço de Maiorca

O antigo Paço de Maiorca, situado na freguesia do mesmo nome, a poucos quilómetros da Figueira da Foz, actualmente na posse desta Câmara Municipal, foi na sua origem



Ilustração 7
Pormenor: Peónia.
Quinta da Francelha, Prior
Velho, Lisboa.

Ilustração 8
Sala Chinesa.
Paço de Maiorca,
Figueira da Foz,
Maiorca



Ilustração 9
Pormenor.
Paço de Maiorca,
Figueira da Foz,
Maiorca



pertença dos Viscondes de Maiorca. Neste edifício, que conheceu várias fases de construção, uma das quais no século XVIII, existe uma sala cujas paredes estiveram revestidas, até há poucos anos, com papéis chineses, provavelmente datados da segunda metade do séc. XVIII, nos quais predominam árvores entrelaçadas e floridas, flores, pássaros, insectos e rochas, à semelhança do conjunto anterior.

Em Maiorca, os papéis eram, porém, rematados por um lambrim de azulejos, uma solução tipicamente portuguesa que, como na Francelha, simulava um balcão para observação de um jardim chinês.

Há algum tempo atrás, este conjunto foi avaliado e retirado pela Secção de Conservação e Restauro da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, para se analisar a possibilidade de ser intervencionado. Aí permanece, aguardando apoio mecénico que permita a recuperação deste património, num preocupante estado de conservação.

Foi através desta secção que tivemos conhecimento de uma anterior acção não qualificada que, pretendendo preservar os papéis, provocou-lhes antes graves danos, alguns



Ilustração 10
Sala Chinesa.
Casa da Ínsua,
Penalva do
Castelo, Viseu

dos quais irreversíveis. Nessa altura, os papéis foram removidos da parede e fixados em contraplacados de madeira, com cola de contacto, tendo sido estes, por sua vez, pregados à parede (causando, assim, furos irreversíveis). Na mesma ocasião, foram feitos repintes em toda a extensão do papel, que lhe retiraram a graciosidade dos motivos e que transformaram as cores translúcidas em cores baças e inexpressivas; actuação agravada pela aplicação de verniz e de goma-laca.

Casa da Ínsua

Na Casa da Ínsua ou Solar dos Albuquerque, uma opulenta casa senhorial da Beira Alta, em Penalva do Castelo, a cerca de 25 quilómetros de Viseu, hoje transformada num hotel, existe o último dos conjuntos de papéis de parede chineses encontrados que, a exemplo dos da Francelha, se encontram *in situ*.

Mandada reconstruir cerca de 1780 por Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres (1739-1797), é bem provável que os papéis tenham sido encomendados, nesta fase, por este

fidalgo da Casa Real, com ligações ao Brasil, onde desempenhou o cargo de Governador e Capitão-Geral do Estado de Mato Grosso, entre 1772 e 1788.⁴⁸

Vários painéis em papel de arroz pintados à mão decoram não apenas a totalidade das paredes mas também o tecto da Sala Chinesa, cujo lambrim e painéis do tecto e das paredes são definidos por canas de bambu.

Mais uma vez, estamos perante a tipologia de árvores entrelaçadas floridas, flores e aves, mas com algumas diferenças em relação aos dois casos anteriores. A observação possível neste momento⁴⁹, permite-nos perceber algumas variações nos motivos deste papel. Registem-se as árvores entrelaçadas em forma de coroas; vegetação, aves e insectos menos abundantes; e o aparecimento de peixes no tecto, símbolo de prosperidade. Ao nível das flores, repetem-se peónias e flores de cerejeira, com a carga simbólica já aludida.

Este conjunto foi intervencionado há uns anos, aquando da transformação do solar em hotel.

4. NOTAS FINAIS

Como notas finais, importa salientar alguns pontos:

- Dos cinco conjuntos de papéis inventariados, apenas quatro sobreviveram, sendo estes representativos das tipologias de papéis figurativos e de papéis com árvores e outras plantas floridas, aves, insectos e rochas.

- Dois dos quatro conjuntos sobreviventes (Quinta da Francelha e Paço de Maiorca) reclamam intervenções urgentes.

- Apenas dois dos conjuntos analisados se encontram *in situ* (Quinta da Francelha e Casa da Ínsua).

- Um dos conjuntos encontra-se numa instituição especializada em Conservação e Restauro (Paço de Maiorca/FRESS), enquanto um segundo, depois de mais de duas décadas numa instituição, acaba de regressar ao seu local de origem (Paço Episcopal de Lamego/ Instituto José de Figueiredo).

- Apesar do número reduzido de exemplares inventariados, mais terão existido seguramente conforme indicia a participação portuguesa no comércio com a China no eixo Macau/Cantão, a presença constante de papéis pintados nas listas das cargas de navios da Carreira da Índia e nos inventários de bens por morte dos proprietários e o impacto que esta moda teve por toda a Europa.

Urge despertar a atenção para este património, aparentemente tão reduzido e simultaneamente tão vulnerável, que exige um estudo aprofundado, que passará pela

inventariação de outros conjuntos, certamente esquecidos nos interiores de casas particulares em Portugal, e pela sensibilização para a necessidade da sua preservação e restauro. Prioritário será, igualmente, estender esta via de investigação ao Brasil, em articulação com o caso português, dada a história comum dos dois países, o que permitirá conferir uma dimensão mais alargada ao estudo, assim como uma compreensão mais abrangente e efectiva deste fenómeno artístico.

NOTAS

¹ O presente estudo teve início ao tomarmos conhecimento de um conjunto de papel de parede existente numa casa senhorial situada às portas de Lisboa, no Prior-Velho (concelho de Loures), através do Tiago Molarinho, bolsheiro do Projecto *A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro (Séculos XVII, XVIII e XIX)*. *Anatomia dos Interiores*. Os primeiros resultados deste trabalho foram apresentados, em Janeiro de 2013, no Colóquio *Património Cultural Chinês em Portugal*, que teve lugar no Centro Científico e Cultural de Macau, I.P. (CCCM), organizado conjuntamente pelo CCCM, Escola Superior de Artes Decorativas/Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva (ESAD/FRESS) e Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (IHA/FLUL): Cristina Costa GOMES e Isabel Murta PINA, “Papéis da China” (artigo ainda não publicado). Ao Tiago, assim como a todos aqueles que nos têm apoiado nesta investigação, expressamos o nosso reconhecido agradecimento, destacando de uma forma muito particular a Isabel Mendonça e o Hélder Carita, enquanto coordenadores deste projecto. Agradecemos ainda a Alexandra Braga, Alexandrina Costa, Ana Maria Fernandes, Ana Godinho Coelho, Anísio Franco, Gonçalo Vasconcelos e Sousa, João Teles e Cunha, José Norton, Leonor Patrício, Lina Oliveira, Luís Sebastián, Nazaré Tojal, Paula Preto Pacheco, Sara Andrade e Vítor Serrão.

² Cf. Noël GOLVERS - *Libraries of Western Learning for China. Circulation of Western Books between Europe and China in the Jesuit Mission (ca. 1650-ca. 1750)*, 2. *Formation of Jesuit libraries*. Lovaina: Ferdinand Verbiest Institute, 2013, p. 103.

³ Macartney alude ainda à aplicação de papel, assim como de madrepérola, nas janelas das casas chinesas. Veja-se o seu diário J. L. CRANMER-BYNG (ed.) - *An Embassy to China, Being the Journal kept by Lord Macartney during His Embassy to the Emperor Ch'ien-lung, 1793-1794*. Londres: Longmans, 1962, p. 303.

⁴ Gill SAUNDERS - “Chinese Wallpapers and Chinoiserie Styles”. In *Wallpaper in Interior Decorations*. Londres: V&A Publications, 2002, pp. 63-73.

⁵ Álvaro Semedo - *Imperio de la China y Cultura Evangelica en Él*. Madrid, 1642, p. 10.

⁶ Na Grã-Bretanha, decorre um projecto intitulado “East India Company at Home”, em cujo âmbito foi desenvolvida uma linha exclusivamente centrada no papel de parede chinês. Este projecto, de três anos, foi coordenado por Margot Finn, do Departamento de História da Universidade de Warwick. Daqui resultou a publicação da obra de Emile de BRUIJN, Andrew BUSH e Helen CLIFFORD - *Chinese Wallpaper in National Trust Houses*. Newcastle: National Trust, 2014.

⁷ Veja-se, além do livro anterior, ainda Gill SAUNDERS - “Chinese Wallpapers and Chinoiserie Styles”. In *Wallpaper in Interior Decorations*, *op. cit.*

⁸ Veja-se a dissertação de mestrado de Ana Godinho Coelho Dotti de Carvalho, intitulada *A pape-*

leira miniatura chinesa da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves e o comércio do século XVIII. Lisboa: [s.n.], 2010. Dissertação de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

⁹ AHU, Correspondência de Macau, caixa 6, doc. 17.

¹⁰ AHU, Correspondência de Macau, caixa 13, doc. 21.

¹¹ AHU, Correspondência de Macau, caixa 14, doc. 8.

¹² AHU, Correspondência de Macau, caixa 17, docs. 16 e 62.

¹³ Sobre os inventários *post-mortem* de bens veja-se o artigo de Lina Maria Marrafa de OLIVEIRA - Inventários post-mortem: documentos de vivências senhoriais. In Marize MALTA & Isabel M. G. MENDONÇA (orgs.) - *Casas Senhoriais Rio-Lisboa e seus Interiores*. Rio de Janeiro & Lisboa: EBA-UFRJ & IHA-FCSH-UNL & CEAD-ESAD-FRESS, 2013-2014, pp. 203-211.

¹⁴ Inventário dos bens que ficaram de Alexandre Metelo de Sousa e Meneses (1766-1768), DGARQ/TT, *Orfanológicos*, letra A, Maço 121, nº 1, caixa 206. Transcrito por Lina Oliveira no âmbito do Projecto.

¹⁵ Avaliados em 1400 réis. *Ibid.*, fl. 76v.

¹⁶ Avaliadas em 2400 réis. *Ibid.*, fl. 78.

¹⁷ Avaliados em 400 réis. “Inventário que se faz dos bens que ficaram por falecimento de Joaquim da Costa Quintela, a requerimento de seu primo Agostinho Ignacio da Costa Quintela”, DGARQ/TT, *Orfanológicos*, letra J, Maço 248, nº 6, fl. 31. Transcrito por Lina Oliveira no âmbito do Projecto.

¹⁸ Acrescentando-se, ainda, terem “molduras pintadas de preto” e serem “avaliados em três mil réis”. DGARQ/TT, *Orfanológicos*, letra J, Maço 227, nº 9, fls. 38-38v. Transcrito por Lina Oliveira no âmbito do Projecto.

¹⁹ Nascido em Lisboa, tornou-se bacharel em leis por Coimbra, tendo sido cavaleiro da Ordem de Cristo e moço-fidalgo com moradia de fidalgo-cavaleiro. No decurso da sua carreira, desempenhou diversas funções, entre as quais a de provedor da comarca e conservador do Contrato do Tabaco de Torres Vedras; desembargador da Relação do Porto e Casa da Suplicação; visitador do ouro dos navios vindos da América; síndico do Senado e Corte (quando o seu irmão desistiu da posição); ajudante do intendente geral da polícia; para além do já mencionado de superintendente-geral dos contrabandos e descaminhos dos reais direitos. Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Limitada, s.d., vol. XXI (Penina-Pisoteio), p. 691.

²⁰ “Autos do inventário dos bens que ficaram por falecimento do desembargador António Joaquim de Pina Manique continuado com a viúva sua mulher, D. Antónia Cláudia Rosa da Costa”, DGARQ/TT, *Orfanológicos*, letra A, Maço 120, nº 1, fls. 67v-69v, 71v-72. Transcrito por Lina Oliveira no âmbito do Projecto.

²¹ “Oito painéis da Xina em papel de figuras molduras pintadas de roxo e douradas avaliados todos em outo mil réis” (fl. 68v); “Sinco painéis da Xina pintura de figuras em papel molduras douradas e pintadas de roxo avaliados todos em tres mil e duzentos réis” (fls. 69-69v); “Quatro painéis de pintura da China em papel con figuras, molduraz pintadas cor-de-pedra com filetes dourados avaliados em quatro mil réis” (fl. 71v).

²² “Tres painéis de papel da Xina pintados de flores e pasaros molduras douradas e pintadas de verde avaliados todos em mil e outocentos réis” (fl. 68v).

²³ No finais do século XVIII, o papel decorado chinês, devido ao seu elevado preço, já era imitado. Cf. Oliver IMPEY - *Chinoiserie. The Impact of Oriental Styles on Western Art and Decoration*. Londres: Oxford University Press, 1977, pp. 160-173. No caso de Portugal, a imitação dos motivos chineses e

a pintura “de cousas da China” podem ser referenciadas não apenas para o século XVIII, mas ainda para o XVII. Com efeito, no primeiro quartel deste último século, Vítor Serrão apurou, num dos *Livros de Devassas do Arcebispado de Lisboa*, do ano de 1625, que nesta cidade exercia a actividade “Luís de Macedo, pintor de cousas da China morador na freguesia de São Pedro d’Alfama de idade de quarenta e cinco anos”. O mesmo autor informa ainda que outros pintores “de cousas da China” podem ser encontrados para os séculos indicados, alguns dos quais, acrescenta, especializados em papéis de parede, com decorações de inspiração chinesa. Vítor Serrão - “Entre a China e Portugal: temas e outros fenómenos de miscigenação artística, um programa necessário de estudos”. In *Actas do Colóquio Património Cultural Chinês em Portugal*, CCCM-FRESS-IHA/FLUL, 21-23 de Janeiro de 2013 (artigo ainda não publicado).

²⁴ No The Cooper Hewith, National Design Museum Smithsonian Institution encontra-se a maior colecção de papel de parede dos Estados Unidos da América.

²⁵ A que nos reportamos por ser o que melhor se conhece.

²⁶ O imaginário da paisagem panorâmica parece ter sido parcialmente derivado da tradição chinesa de rolos de paisagens, tais como o intitulado “Próspera Suzhou” (*Gusu fanhua tu*), de Xu Yang (1759, Museu provincial de Liaoning), um pintor da Corte do imperador Qianlong.

²⁷ No caso inglês, representa cerca de 15% do total de papel.

²⁸ No caso inglês, do papel identificado, cerca de 60% é desta tipologia.

²⁹ Cf. Gill SAUNDERS - “Chinese Wallpapers and Chinoiserie Styles”. In *Wallpaper in Interior Decorations* (...), p. 69.

³⁰ Cf. José MECO - “Artes Decorativas no Palácio do Marquês de Pombal”. In *Oeiras - Encontros de História e Património (I). Diálogos em Noites de Verão 2006-2007*. Oeiras: Espaço e Memória – Associação Cultural de Oeiras/Junta de Freguesia de Oeiras e S. Julião da Barra, s.d., pp. 167-185. IDEM - “O recheio desaparecido do palácio do Marquês de Pombal, em Oeiras”. In Marize MALTA & Isabel M. G. MENDONÇA (orgs.), *Casas Senhoriais Rio-Lisboa e seus Interiores*, (...), pp. 105-125.

³¹ Cf. Francisco Ildefonso dos SANTOS - *Memorial Histórico ou Colecção de Memórias sobre Oeiras. Desde seu principio, como lugar e cabeça de julgado, e depois vila. Com o título de condado e cabeça de concelho*. Oeiras: Edição da Câmara Municipal de Oeiras, 1982, 1º Vol., p. 165.

³² José MECO - “O recheio desaparecido do palácio do Marquês de Pombal, em Oeiras”, (...), p. 107.

³³ Anos em que a família real passou o Verão no palácio, para permitir ao rei D. José I frequentar as águas termais do Estoril.

³⁴ As suas dimensões são de cerca de 1,95m por 80cm.

³⁵ A iniciativa a decorrer neste Museu, intitulada “Museu em Imagens”, foi inaugurada precisamente com estes papéis, sendo designada “O papel de parede chinês do Museu de Lamego”, 5, 20 e 21 Junho de 2014.

³⁶ BNP, Secção de Reservados, Cód. 13469.

³⁷ DGARQ/TT, *Bispado de Lamego*, Livros 9, 10, 11, 13, 14, 20, 29, 34, 35, 59, 74, 90, 210 e *Bispado de Lamego*, Correspondência, Maço 11, Caixa 38 (1737-1747); Maço 12, Caixa 38 (1750-1772); Maço 13, Caixa 38 (1773-1779); Maço 14, Caixa 38 (1780-1789) e Maço 15, Caixa 39 (1790-1879).

³⁸ Este conjunto foi objecto de estudos realizados no âmbito da Conservação e Restauro e da Física Atómica, respectivamente, por: Rita Castro OLIVEIRA - *A conservation study of an eighteenth-century Chinese wallpaper*. Lisboa: [s.n.], 2009. Dissertação de mestrado em Conservação e Restauro de Documentos Gráficos apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa; e Sofia PESSANHA *et al.* - “X-ray Fluorescence study on ancient painted wallpaper: ap-

proach of artwork dating”, 10th Rio Symposium on Atomic Spectrometry. Salvador, Baía: Setembro, 2008 e IDEM - “Study of a XVIII century hand-painted Chinese wallpaper by multianalytical non-destructive techniques”. In *Spectrochimica Acta Part B*, 2009.

³⁹ Tem uma área de cerca de 9 metros quadrados e um pé direito de 3,30 metros.

⁴⁰ A primeira recua ao século XVII.

⁴¹ De dimensões aproximadas de 3,30 metros de altura por 1,20 metros de largura.

⁴² Alguns dos pigmentos presentes neste papel, tal como a malaquite, já não eram utilizados no século XIX.

⁴³ Sofia PESSANHA *et al.* - “X-ray Fluorescence study on ancient painted wallpaper (...)”, (...); IDEM - “Study of a XVIII century hand-painted Chinese wallpaper by multianalytical non-destructive techniques”, (...).

⁴⁴ Nascido, em data incerta, na Quinta dos Minotes (freguesia de Fermentões), em Guimarães, faleceu em Lisboa. Veja-se Maria Adelaide Pereira de MORAES & Helena Cardoso de Macedo e MENEZES - “Genealogias Vimaraneses”. In *Armas e Troféus*. Braga: Tip. Liv. Cruz, 1967.

⁴⁵ Entre esses navios encontram-se os seguintes: Aliança, Eneias e São Gualter.

⁴⁶ Sobre a importância da Baía como porto de escala da Carreira da Índia, veja-se José Roberto do Amaral LAPA - “A Bahia e a Carreira da Índia”. In *Brasiliiana*, vol. 338, pp. 253-299.

⁴⁷ Na Direcção Geral de Arquivos/Torre do Tombo, no Fundo dos *Feitos Findos*, encontra-se um conjunto de vinte processos em que este comerciante esteve envolvido e que atestam os negócios e a sua riqueza. DGARQ/TT, *Juízo da Índia e Mina*, Maço 27, nºs. 14 a 21; Caixa 27; Maço 28, nºs. 1 a 8; Caixa 28; Maço 91, nº4; Caixa 91; Maço 9, nº 1; Caixa 133; Maço 18, nº 23; Caixa 142, Maço 27, nº 9; Caixa 151. Veja-se ainda DGARQ/TT, *Feitos Findos, Juízo dos Falidos*, Maço 7, nº 9.

⁴⁸ Celina BASTOS & Anísio FRANCO - “Para uma memória futura: interiores autênticos em Portugal”. In Marize MALTA & Isabel M. G. MENDONÇA (orgs.) - *Casas Senhoriais Rio-Lisboa e seus Interiores*, (...), pp. 76-77. João Carlos GARCIA (coord.) - *A Mais Dilatada Vista do Mundo. Inventário da Coleção Cartográfica da Casa da Ínsua*. [Lisboa]: Comissão Nacional para as Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, s.d.

⁴⁹ Trata-se do único conjunto que ainda não tivemos oportunidade de observar directamente, já que se aguarda autorização para o fazer ou o envio de fotografias com a resolução necessária à sua descrição iconográfica. Apenas tivemos acesso a duas fotografias on-line, com pouca qualidade, a que se juntou o apoio de uma funcionária do hotel, que fez uma descrição sumária do papel.

BIBLIOGRAFIA

1. FONTES MANUSCRITAS E IMPRESSAS

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU)

– Correspondência de Macau, caixa 6, doc. 17; caixa 13, doc. 21; caixa 14, doc. 8; caixa 17, docs. 16 e 62.

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)

– Secção de Reservados, Cód. 13469

Direcção Geral de Arquivos/Torre do Tombo (DGARQ/TT)

– *Bispado de Lamego*: Livros 9, 10, 11, 13, 14, 20, 29, 34, 35, 59, 74, 90, 210; Correspondência, Maço 11, Caixa 38 (1737-1747); Maço 12, Caixa 38 (1750-1772); Maço 13, Caixa 38 (1773-1779); Maço 14,

Caixa 38 (1780-1789) e Maço 15, Caixa 39 (1790-1879).

– *Feitos Findos, Juízo dos Falidos*, Maço 7, nº 9.

– *Juízo da Índia e Mina*, Maço 27, nºs. 14 a 21; Caixa 27; Maço 28, nºs. 1 a 8; Caixa 28; Maço 91, nº4; Caixa 91; Maço 9, nº 1; Caixa 133; Maço 18, nº 23; Caixa 142; Maço 27, nº 9, e Caixa 151.

– *Orfanológicos*, letra A, Maço 120, nº 1, Maço 121, nº 1, Caixa 206; letra J, Maço 227, nº 9, Maço 248, nº 6.

CRANMER-BYNG, J.L. (ed.) - *An Embassy to China, Being the Journal kept by Lord Macartney during His Embassy to the Emperor Ch'ien-lung, 1793-1794*. Londres: Longmans, 1962.

SANTOS, Francisco Ildelfonso dos - *Memorial Histórico ou Coleção de Memórias sobre Oeiras. Desde seu princípio, como lugar e cabeça de julgado, e depois vila. Com o título de condado e cabeça de concelho*. Oeiras: Edição da Câmara Municipal de Oeiras, 1982, 1º Vol.

SEMEDO, Álvaro - *Imperio de la China y Cultura Evangelica en Él*. Madrid: 1642.

2. ESTUDOS

BRUIJN, Emile de, BUSH, Andrew e CLIFFORD, Helen - *Chinese Wallpaper in National Trust Houses*. Newcastle: National Trust, 2014.

CARVALHO, Ana Godinho Coelho Dotti de - *A papeleira miniatura chinesa da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves e o comércio do século XVIII*. Lisboa: [s.n.], 2010. Tese de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

GARCIA, João Carlos (coord.) - *A Mais Dilatada Vista do Mundo. Inventário da Coleção Cartográfica da Casa da Ínsua*. [Lisboa]: Comissão Nacional para as Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, s.d.

GOLVERS, Noël - *Libraries of Western Learning for China. Circulation of Western Books between Europe and China in the Jesuit Mission (ca. 1650-ca. 1750), 2. Formation of Jesuit libraries*. Lovaina: Ferdinand Verbiest Institute, 2013.

GOMES, Cristina Costa & PINA, Isabel Murta - “Papéis da China”. In *Actas do Colóquio Património Cultural Chinês em Portugal*, CCCM-ESAD/FRESS-IHA/FLUL, 21-23 de Janeiro de 2013 (artigo ainda não publicado).

IMPEY, Oliver - *Chinoiserie. The Impact of Oriental Styles on Western Art and Decoration*. Londres: Oxford University Press, 1977.

LAPA, José Roberto do Amaral - “A Bahia e a Carreira da Índia”. In *Brasiliانا*, vol. 338, pp. 253-299.

MALTA, Marize & MENDONÇA, Isabel M. G. (orgs.) - *Casas Senhoriais Rio-Lisboa e seus interiores*. Rio de Janeiro & Lisboa: EBA-UFRJ & IHA-FCSH-UNL & CEAD-ESAD-FRESS, 2013-2014.

MECO, José - “Artes Decorativas no Palácio do Marquês de Pombal”. In *Oeiras - Encontros de História e Património (I). Diálogos em Noites de Verão 2006-2007*. Oeiras, Espaço e Memória: Associação Cultural de Oeiras/Junta de Freguesia de Oeiras e S. Julião da Barra, s.d., pp. 167-185.

MORAES, Maria Adelaide Pereira de & Helena Cardoso de Macedo e MENEZES - “Genealogias Vimaraneses” in *Armas e Troféus*. Braga: Tip. Liv. Cruz, 1967.

- OLIVEIRA, Rita Castro - *A conservation study of an eighteenth-century Chinese wallpaper*. Lisboa: [s.n.], 2009. Dissertação de Mestrado em Conservação e Restauro de Documentos Gráficos apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.
- PESSANHA, Sofia *et al.* - "X-ray Fluorescence study on ancient painted wallpaper: approach of artwork dating". 10th Rio Symposium on Atomic Spectrometry, Salvador, Baía, Setembro, 2008.
- Idem - "Study of a XVIII century hand-painted Chinese wallpaper by multianalytical non-destructive techniques". In *Spectrochimica Acta Part B*, 2009.
- SAUNDERS, Gill - "Chinese Wallpapers and Chinoiserie Styles". In *Wallpaper in Interior Decorations*, Londres, V&A Publications, 2002.
- SERRÃO, Vítor - "Entre a China e Portugal: temas e outros fenómenos de miscigenação artística, um programa necessário de estudos". In *Actas do Colóquio Património Cultural Chinês em Portugal*, CCCM-FRESS-IHA/FLUL, 21-23 de Janeiro de 2013 (artigo ainda não publicado).

